

CHARLES DICKENS

OLIVER
TWIST

Ilustrações de Leo Assis
Tradução de Alberto Gassul Streicher

TORDSILHAS
FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

Por que ler este clássico?, VIII

Capítulo 1, XX

Capítulo 2, 4

Capítulo 3, 16

Capítulo 4, 24

Capítulo 5, 32

Capítulo 6, 42

Capítulo 7, 48

Capítulo 8, 56

Capítulo 9, 66

Capítulo 10, 72

Capítulo 11, 78

Capítulo 12, 86

Capítulo 13, 96

Capítulo 14, 104

Capítulo 15, 114

Capítulo 16, 122

Capítulo 17, 132

Capítulo 18, 142

Capítulo 19, 150

Capítulo 20, 160

Capítulo 21, 168

Capítulo 22, 174

Capítulo 23, 182

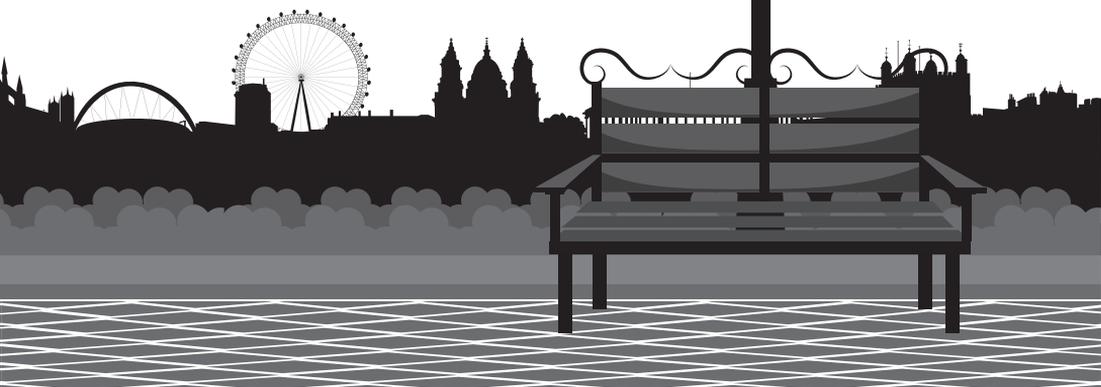
Capítulo 24, 190

Capítulo 25, 196

Capítulo 26, 202



Capítulo 27, 214	Capítulo 45, 374
Capítulo 28, 222	Capítulo 46, 378
Capítulo 29, 232	Capítulo 47, 388
Capítulo 30, 236	Capítulo 48, 396
Capítulo 31, 244	Capítulo 49 , 404
Capítulo 32, 254	Capítulo 50, 414
Capítulo 33, 264	Capítulo 51, 428
Capítulo 34, 272	Capítulo 52, 442
Capítulo 35, 282	Capítulo 53, 452
Capítulo 36, 290	Sobre o Autor, 458
Capítulo 37, 294	
Capítulo 38, 304	
Capítulo 39, 314	
Capítulo 40, 328	
Capítulo 41, 336	
Capítulo 42, 346	
Capítulo 43, 356	
Capítulo 44, 366	





CAPÍTULO

- 1 -



SOBRE O LUGAR ONDE OLIVER TWIST NASCEU E AS CIRCUNSTÂNCIAS DE SEU NASCIMENTO

Dentre outros prédios públicos de certa cidade, que por muitos motivos será prudente não mencionar e à qual não atribuirei nenhum nome fictício, há um que, desde a antiguidade, é comum à maioria das cidades, sejam elas grandes ou pequenas: a saber, um albergue para os pobres; e foi nesse albergue que nasceu, em um dia que não preciso me dar ao trabalho de repetir, visto que não pode haver qualquer consequência possível ao leitor nesta altura dos eventos, o item de mortalidade cujo nome está afixado no título deste capítulo.

Muito tempo depois de ele ter sido trazido a este mundo de tristezas e angústias pelo cirurgião da paróquia, muito se duvidou se a criança sobreviveria para poder sequer receber um nome, caso em que é mais do que provável que estas memórias nunca teriam surgido, ou, se tivessem, compreendendo não mais do que duas páginas, deteriam o mérito inestimável de ser o exemplar biográfico mais conciso e fiel existente na literatura de qualquer época ou país.

Embora eu não esteja disposto a sustentar que nascer em um albergue de pobres por si só seja a circunstância mais venturosa e invejável que possa sobrevir a um ser humano, pretendo dizer que, nesse caso específico, foi a melhor coisa que poderia haver ocorrido para Oliver Twist. O fato é que houve uma dificuldade considerável para induzir Oliver a aceitar a atividade respiratória — uma prática incômoda, porém, tornada pelo costume, necessária para nossa fácil existência. E por certo tempo, ele permaneceu arquejando sobre o colchão, colocando-se, de forma desequilibrada, entre este mundo e o vindouro, pendendo a balança decididamente em favor do segundo.

Pois bem, se durante esse breve período Oliver estivesse rodeado por avós cuidadosas, tias ansiosas, enfermeiras experientes e médicos profundamente sábios, ele teria sido inevitável e indubitavelmente morto rapidamente. Como não havia ninguém por lá, no entanto, além de uma velha senhora pobre, cuja mente estava enuviada devido a uma quantidade inusitada de cerveja, e um cirurgião da paróquia que fez o serviço por contrato, Oliver e a Natureza entraram num embate no meio daqueles dois. O resultado foi que, depois de certo conflito, Oliver

respirou, espirrou e alertou aos habitantes do albergue sobre o fato de que um novo fardo acabava de ser imposto sobre a paróquia, ao chorar da forma mais estridente possível que poderia se esperar de um menininho que possuía tal habilidade muito útil — a voz —, há não mais de três minutos e quinze segundos.

Quando Oliver deu essa primeira prova de livre e adequada ação de seus pulmões, a colcha de retalhos que havia sido atirada descuidadamente sobre o leito de ferro se agitou; o rosto pálido de uma jovem ergueu-se debilmente do travesseiro e uma fraca voz articulou, de forma imperfeita, as palavras:

— Quero ver a criança e morrer.

O cirurgião estava sentado com o rosto voltado para o fogo: esfregando as mãos alternadamente para aquecê-las. Quando a jovem falou, ele se levantou e, avançando à cabeceira da cama, disse com uma gentileza muito maior do que poderia se esperar dele:

— Ah, você não deve falar sobre a morte ainda.

— Que Deus cuide dela! — interferiu a enfermeira, depositando rapidamente em seu bolso uma garrafa de vidro verde, cujo conteúdo ela vinha bebericando num canto com evidente satisfação.

— Que Deus cuide dela, quando ela tiver vivido o mesmo tanto que eu, senhor, e parido treze filhos sozinha e ver todos morrerem, com exceção de dois, que vivem no albergue comigo, então ela não pensará mais dessa maneira, pobre coitada! Verá o que é ser uma mãe, com um filhotinho aí para cuidar.

Aparentemente, tal perspectiva consolatória sob o ponto de vista de uma mãe não surtiu o efeito desejado. A paciente meneou a cabeça e esticou os braços na direção do bebê.

O cirurgião colocou a criança nos braços dela. Ela pousou seus lábios esbranquiçados e frios sobre a testa do neném, passou as mãos pelo próprio rosto, fitou de forma descontrolada seu entorno, estremeceu, caiu e morreu. Eles friccionaram seu peito, suas mãos e têmporas, mas o sangue havia parado para sempre de correr. Falaram de esperança e conforto. Eram estranhos há tempo demais.

— Acabou, Sra Thingummy! — exclamou o cirurgião por fim.

— Oh, pobre coitada, é verdade! — disse a enfermeira, apanhando a rolha da garrafa verde, que havia caído sobre o travesseiro quando ela se inclinou para pegar a criança. — Pobre coitada!

— Não precisa me chamar caso o bebê comece a chorar, enfermeira — orientou o cirurgião, colocando suas luvas com grande deliberação. — É muito provável que ele *ficará* agitado. Se isso ocorrer, dê-lhe um pouco de mingau.

Colocou seu chapéu e, parando ao lado da cama ao prosseguir para a porta, acrescentou:

— Era uma moça bonita, também; de onde era?

— Trouxeram-na aqui ontem à noite — respondeu a velha — por ordem do supervisor. Encontraram ela caída na rua. Havia caminhado certa distância,

pois seus sapatos estavam aos pedaços; mas de onde é ou aonde estava indo, ninguém sabe.

O cirurgião curvou-se sobre o cadáver e pegou sua mão esquerda.

— A velha história... — soltou, meneando a cabeça — sem aliança de casa-da. Ah! Boa noite!

O cavalheiro médico saiu para jantar, e a enfermeira, aplicando-se novamente à garrafa verde, sentou-se em uma cadeira baixa perante o fogo e passou a vestir o infante.

Que excelente exemplo do poder de uma roupa era o jovem Oliver Twist! Envolto em uma coberta que até então formava sua única vestimenta, poderia ser o filho de um nobre ou de um mendigo; até mesmo o mais soberbo estranho teria dificuldade em atribuir ao pequeno sua posição devida na sociedade. Mas agora que estava embrulhado na velha roupa de morim, amarelada nesse uso, e já etiquetado, encontrou imediatamente seu lugar: uma criança da paróquia, o órfão de um albergue de pobres, o humilde e esfomeado escravo — a ser algemado e espancado no mundo todo, desprezado por todos e sem a piedade de ninguém.

Oliver chorava com vigor. Se soubesse que era órfão, deixado à terna compaixão dos oficiais laicos da Igreja Anglicana e dos supervisores, talvez choraria ainda mais alto.



AMOSWEB



CAPÍTULO

- 2 -



SOBRE A CRIAÇÃO A EDUCAÇÃO E A MORADA DE OLIVER TWIST

Durante os oito ou dez meses seguintes, Oliver foi vítima de um sistema contínuo de traições e enganosa. Foi criado à base de mamadeira. A situação de fome e destituição do órfão infante foi devidamente reportada pelas autoridades do albergue às autoridades da paróquia. Estas inquiriram com dignidade àquelas se não havia alguma mulher então domiciliada “internamente” que estivesse em situação de partilhar a Oliver Twist o consolo e a nutrição de que tanto precisava. As autoridades do albergue responderam com humildade que não havia. Com isso, as autoridades da paróquia resolveram de forma magnânima e humana que Oliver deveria ser “cultivado”, quer dizer, deveria ser enviado para uma filial do albergue a cerca de 5 km, onde vinte ou trinta outros juvenis, que haviam delinqüido contra as leis dos pobres, rolavam pelo chão o dia todo, sem a inconveniência de alimentos ou roupas em demasia, sob a superintendência parental de uma senhora idosa, que recebia os infratores tão somente em consideração aos 57 *pence* que ganhava por cabeça semanalmente. Tal quantia por semana é o suficiente para prover refeições completas para uma criança; é possível comprar muitas coisas com 57 *pence*, o suficiente para sobrecarregar seu estômago e trazer desconforto. A idosa era uma mulher de sabedoria e experiência. Sabia o que era bom para as crianças e tinha uma percepção muito aguçada sobre o que era bom para si mesma. Assim, apropriava-se da maior parte do estipêndio semanal para uso próprio, e consignava a geração paroquial crescente a um subsídio ainda menor do que aos pequenos era concedido. Desta forma, abrindo caminho onde parecia não haver nenhum, ela mostrava-se uma excelente filósofa experimental.

Todos conhecem a história de outro filósofo experimental que tinha uma ótima teoria sobre um cavalo conseguir viver sem se alimentar, tendo-a demonstrado tão bem que alimentava seu próprio cavalo com apenas uma palha por dia, e, sem dúvida, teria feito dele um animal vivaz e agitado caso o bicho não tivesse morrido 24 horas antes de comer sua deliciosa isca de ar. Infelizmente para a filosofia experimental da senhora a quem o cuidado protetor de Oliver Twist foi entregue, um resultado semelhante geralmente acontecia à operação de *seu* sistema, pois no exato momento em que a criança havia achado uma

maneira de subsistir com a menor porção possível da comida mais fraca possível, o fato era que, perversamente, em oito casos e meio de cada dez, a pequena adoecia por frio ou falta de comida, caía no fogo por descuido ou era meio-sufocada por acidente. Em qualquer um desses casos, o miserável serzinho era geralmente convocado ao outro mundo e lá se reunia com os pais que nunca conheceu neste.

Ocasionalmente, quando havia um inquérito mais interessante do que o comum sobre uma criança da paróquia que, sem supervisão, havia sido esmagada ao virar a cabeceira da cama ou inadvertidamente escaldada à morte nas poucas vezes em que tomavam banho — embora esse segundo acidente fosse muito raro, pois qualquer semelhança a tal atividade era ocorrência rara no local —, o júri decidia de repente fazer perguntas incômodas ou os paroquianos assinavam rebeldemente um protesto. Porém, essas impertinências eram rapidamente contidas pelas evidências do cirurgião e pelo testemunho do bedel: o doutor abria o cadáver e não encontrava nada dentro (o que era realmente provável), e o bedel jurava invariavelmente tudo que a paróquia quisesse, o que demonstrava grande autodevoção. Além disso, os membros da diretoria faziam peregrinações periódicas a essas filiais e sempre enviavam o bedel no dia anterior, para informar sobre sua chegada. As crianças ficavam apumadas e limpas quando *elas* iam lá; e o que mais as pessoas poderiam querer?

Não seria de se esperar que esse sistema de criação produzisse qualquer produto extraordinário ou exuberante. Em seu nono aniversário, Oliver Twist era uma criança pálida e magra, um tanto diminuto de estatura e decididamente pequeno em circunferência. Mas a natureza ou os genes haviam implantado um espírito bom e robusto em seu peito. Oliver teve muito espaço para desenvolvê-lo, graças à escassa dieta do estabelecimento e, talvez, a tal circunstância é possível atribuir o fato de chegar aos 9 anos.

No entanto, seja como for, era seu nono aniversário, e ele o celebrava no depósito de carvão com um seletivo grupo de outros dois jovens cavalheiros que, depois de terem recebido com ele uma bela surra, haviam sido trancados lá pela atrocidade de acharem estar com fome, quando a Sra. Mann, a boa senhora da casa, surpreendeu-se pela repentina presença do Sr. Bumble, o bedel, que lutava para abrir a portinhola do portão do jardim.

— Deus do céu! É você, Sr. Bumble!? — exclamou a Sra. Mann, enfiando a cabeça para fora da janela em falsos êxtases de alegria. — Susan, leve Oliver e os outros dois fedelhos para cima e lave-os imediatamente. Mãe do céu! Sr. Bumble, estou muito feliz em vê-lo!

Veja, o Sr. Bumble era gordo e colérico, então, em vez de responder à saudação sincera de forma gentil, ele deu uma sacudidela tremenda na portinhola e, em seguida, um chute tal que só poderia vir da perna de um bedel.

— Mas será possível, meu Deus? — disse a Sra. Mann ao correr para fora, pois os três meninos já haviam sido removidos. — Veja só isso! Como pude me

esquecer que o portão estava trancado por dentro, por causa das crianças! Entre, senhor, entre, por favor. Sr. Bumble, venha.

Embora esse convite estivesse acompanhado de uma cortesia que poderia acalmar o coração de um oficial laico, de modo algum apaziguou o bedel.

— Acha que isso é uma conduta respeitosa ou adequada, Sra. Mann — indagou o Sr. Bumble, agarrando sua bengala —, deixar os oficiais da paróquia esperando no portão de seu jardim, quando estão aqui para tratar de negócios paroquiais com os órfãos paroquiais? Está ciente, Sra. Mann, que você é, como posso dizer, uma delegada paroquial e dela estipendiária?

— Claro que estou, Sr. Bumble, eu estava prestes a contar a uma ou duas das queridas crianças, que gostam muito do senhor, sobre sua chegada — respondeu a Sra. Mann, com grande humildade.

O Sr. Bumble tinha em alta conta seu poder de oratória e sua importância. Demonstrava o primeiro e vindicava a segunda. Ele se acalmou.

— Ora, ora, Sra. Mann — expressou ele num tom mais calmo. — É possível que seja como você diz, é possível. Vamos entrar, Sra. Mann, pois venho a negócios e tenho algo a dizer.

A Sra. Mann conduziu o bedel para uma pequena sala com chão de tijolos, posicionou uma cadeira para ele e depositou oficiosamente seu chapéu tricórnio e bengala sobre a mesa à sua frente.

O Sr. Bumble limpou o suor da testa, produzido pela caminhada, mirou de forma complacente o chapéu tricórnio e sorriu. Sim, ele sorriu. Bedéis são pessoas, e o Sr. Bumble sorriu.

— Veja, não fique ofendida pelo que vou dizer — observou a Sra. Mann, com uma doçura cativante. — O senhor fez uma longa caminhada, sabe, ou eu nem mencionaria isso. O senhor não aceita beber alguma coisa, Sr. Bumble?

— Nada, nada mesmo — disse o Sr. Bumble, movendo sua mão direita em recusa de uma forma dignificada, mas plácida.

— Não diga que não — falou a Sra. Mann, que percebera o tom da recusa e o gesto que a acompanhou. — Só uma dosezinha, com um pouco de água fria e um torrão de açúcar.

O Sr. Bumble tossiu.

— Vamos, só um golinho — insistiu a Sra. Mann de forma persuasiva.

— O que tem aí? — perguntou o bedel.

— Ué, o que sou obrigada a ter um pouquinho aqui em casa para colocar no Daffy, o remédio das abençoadas crianças, para quando não estão bem, Sr. Bumble — respondeu a Sra. Mann, enquanto abria um armário de canto e pegava uma garrafa e um copo. — É gim, não vou mentir, Sr. B, é gim.

— Você dá Daffy para as crianças, Sra. Mann? — indagou Bumble, acompanhando com os olhos o interessante processo da mistura.

— Ah, abençoadas, dou sim, minhas queridas — devolveu a enfermeira. — Não poderia vê-las sofrer ante meus próprios olhos, sabe como é, senhor.

— Não — prosseguiu o Sr. Bumble, aprovando. — Não poderia mesmo. É uma mulher compassiva, Sra. Mann — e ela colocou o copo sobre a mesa. — Aproveitarei a primeira oportunidade para mencionar isso à diretoria, Sra. Mann — e ele puxou o copo para si. — A senhora tem coração de mãe — e ele mexeu o gim com água. — Bebo... bebo à sua saúde com satisfação, Sra. Mann — e bebeu metade.

— E agora, aos negócios — disse o bedel, sacando sua agenda de couro. — A criança que foi meio batizada Oliver Twist faz 9 anos hoje.

— Abençoado seja! — interveio a Sra. Mann, esfregando seu olho esquerdo com a ponta do avental.

— E apesar da oferta de recompensa de dez libras, que foi posteriormente aumentada para doze libras; apesar dos esforços enormes e, posso dizer, supernaturais por parte desta paróquia — disse Bumble, — nunca conseguimos descobrir quem é seu pai nem o nome ou as condições da mãe.

A Sra. Mann levantou as mãos em assombro, mas acrescentou, depois de refletir por um momento:

— Como é que ele tem nome e sobrenome, então?

O bedel encheu-se de grande orgulho, e respondeu:

— Eu os inventei.

— O senhor!?

— Eu, Sra. Mann. Damos nomes aos nossos órfãos em ordem alfabética. O último foi S, o Swubble, dei a ele esse nome. Este agora foi T, Twist, eu dei a *ele* esse nome. O próximo será Unwin, e o seguinte, Vilkins. Tenho nomes prontos até a última letra do alfabeto, e depois do Z, já tenho uma nova rodada preparada.

— Nossa, o senhor é um sujeito muito letrado! — disse a Sra. Mann.

— Bem, bem — admitiu o bedel, evidentemente satisfeito pelo elogio —, talvez eu seja. Talvez, Sra. Mann.

Terminou o gim com água e acrescentou:

— Como Oliver está velho demais para permanecer aqui, a diretoria determinou que o levemos de volta ao albergue. Vim pessoalmente aqui para essa tarefa. Então, quero vê-lo de imediato.

— Vou buscá-lo já — informou a Sra. Mann, saindo da sala.

Oliver, que nesta altura já havia sido lavado e separado da camada externa de terra que estava incrustada em seu rosto e em suas mãos, da forma que era possível com um só banho, foi levado à sala por sua benevolente protetora.

— Cumprimente o cavalheiro, Oliver — instruiu a Sra. Mann.

Oliver fez a vênua, que foi dividida entre o bedel na cadeira e o chapéu tricórnio sobre a mesa.

— Você vem comigo, Oliver? — perguntou o Sr. Bumble, numa voz majestosa.

Oliver estava prestes a dizer que iria com qualquer um prontamente, quando, ao levantar a cabeça, viu a Sra. Mann atrás da cadeira do bedel balançando seu punho em sua direção com um semblante furioso. Ele entendeu a deixa na hora, pois aquele punho havia socado seu corpo tantas vezes que não havia como não ficar profundamente impressionado só de lembrar.

— Ela virá junto? — indagou o pobre Oliver.

— Não, ela não pode — replicou o Sr. Bumble. — Mas ela o visitará às vezes.

Isso não serviu de grande consolo para a criança. Era muito jovem, porém sagaz o bastante para simular grande pesar por ter que partir. Não era muito difícil para o menino trazer lágrimas aos olhos. A fome e os recentes maus-tratos eram ótimos assistentes para fazê-lo chorar. E, de fato, Oliver chorava de forma muito natural. A Sra. Mann lhe deu mil abraços, e também aquilo que Oliver desejava muito mais — um pedaço de pão com manteiga —, para que não aparentasse estar tão esfomeado ao chegar no albergue. Com a fatia de pão na mão e um boné de tecido marrom da paróquia na cabeça, Oliver foi então levado pelo Sr. Bumble daquela deplorável casa onde uma palavra ou um olhar de afeto nunca haviam iluminado as trevas de seus anos de infância. E, contudo, explodiu num choro angustiado de tristeza infantil quando o portão foi fechado atrás de si. Por mais desafortunados que fossem seus companheirinhos de miséria que deixava para trás, estes eram os únicos amigos que tinha. E uma sensação de estar só no vasto mundo inundou o coração da criança pela primeira vez.

O Sr. Bumble dava passos largos; o pequeno Oliver, agarrando firmemente os punhos com laços dourados da manga do bedel, trotava ao seu lado, perguntando a cada 400 metros se “já estavam chegando”. A essas indagações, o Sr. Bumble dava respostas muito breves e ríspidas, pois a brandura temporária que o gim com água desperta em alguns corações tinha, a esta altura, evaporado, e ele era novamente um bedel.

Não fazia nem 15 minutos que Oliver estava no albergue e já havia praticamente devorado uma segunda fatia de pão quando o Sr. Bumble, que o havia deixado aos cuidados de uma velha senhora, retornou e, dizendo a ele que era noite de reunião, informou que a diretoria queria ver o menino imediatamente.

Sem ter uma noção claramente definida sobre o que era uma diretoria, Oliver ficou um tanto surpreso ao ouvir tal informação, sem saber ao certo se deveria rir ou chorar. Porém, não tinha tempo para pensar sobre a questão, visto que o Sr. Bumble deu-lhe uma pancadinha na cabeça com sua bengala para despertá-lo e outra nas costas para deixá-lo esperto. Ordenando que o seguisse, conduziu o garoto para uma grande sala branca, onde oito ou dez senhores gordos estavam sentados ao redor de uma mesa redonda. Na cabeceira, sentado em uma cadeira com braços mais alta que a dos demais, estava um senhor particularmente gordo com um rosto muito redondo e vermelho.



— Cumprimente a diretoria — ordenou Bumble.

Oliver enxugou duas ou três lágrimas que permaneciam nos olhos e, não vendo nenhuma diretoria, mas apenas a mesa, felizmente fez vênia a ela.

— Como se chama, garoto? — perguntou o senhor na cadeira alta.

Oliver ficou assustado ao ver tantos senhores e começou a tremer, e o bedel deu-lhe outra pancada nas costas, fazendo-o chorar. Esses dois motivos fizeram com que respondesse numa voz muito baixa e hesitante, ao que um senhor usando colete branco disse que o garoto era um idiota. Isso foi uma forma fenomenal de levantar seu moral, deixando-o bastante à vontade.

— Menino — disse o senhor na cadeira alta, — me escute. Você sabe que é órfão, certo?

— O que é órfão, senhor? — perguntou o pobre Oliver.

— O menino *é* um idiota, bem que pensei — soltou o senhor no colete branco.

— Shhh! — fez o senhor que havia falado primeiro. — Você sabe que não tem pai nem mãe e que foi criado pela paróquia, não sabe?

— Sim, senhor — respondeu Oliver, chorando amargamente.

— Por que está chorando? — indagou o senhor no colete branco.

E era realmente algo muito extraordinário. Por *qual* motivo poderia o menino chorar?

— Espero que esteja fazendo suas orações todas as noites — falou outro senhor numa voz áspera — e que ore pelas pessoas que o alimentam e que cuidam de você, como um bom cristão deve fazer.

— Sim, senhor — gaguejou o menino.

O senhor que falou por último estava inconscientemente certo. Teria sido muito cristão, e um cristão maravilhosamente bom também, se Oliver tivesse orado pelas pessoas que deram comida e cuidados a *ele*. Mas não havia feito isso, pois ninguém o havia ensinado.

— Bem, você veio aqui para ser educado e para aprender um ofício útil — informou o senhor de rosto vermelho na cadeira alta.

— Portanto, começará a desfiar estopas amanhã cedo, às 6 horas — acrescentou o ranzinza de colete branco.

Pelo conjunto dessas duas bênçãos mescladas em um simples processo de desfiar estopa, Oliver curvou-se profundamente por orientação do bedel e foi levado rapidamente para um grande quarto, onde, numa cama rústica e dura, chorou até dormir. Mas que ilustração inovadora das brandas leis da Inglaterra! Elas permitem os pobres dormirem!

Pobre Oliver! Mal pôde pensar, enquanto dormia na feliz inconsciência de tudo ao seu redor, que a diretoria havia tomado naquele exato dia uma decisão que exerceria a influência mais relevante em toda sua sorte futura. Mas foi o que fizeram. E aqui está ela:

Os membros dessa diretoria eram homens muito sábios, profundos e filossóficos. E quando acontecia de voltarem sua atenção ao albergue dos pobres, descobriram de pronto o que as pessoas comuns nunca o teriam feito — que os pobres gostavam de lá! Era um lugar permanente de entretenimento público para as classes mais pobres; uma taverna em que não era necessário pagar; café da manhã, almoço, chá e jantar o ano todo; um elísio de tijolo e cimento em que só havia diversão e nada de trabalho.

— Dale! — exclamou a diretoria, aparentando muito conhecimento. — Somos aqueles que colocarão as coisas no lugar, vamos acabar com tudo isso num piscar de olhos.

Assim, estabeleceram a regra de que todos os pobres deveriam ter a alternativa (pois eles nunca obrigariam ninguém, não) de morrer gradualmente de fome no albergue, ou rapidamente se saíssem de lá. Com essa visão, contrataram junto aos fornecedores de água um suprimento ilimitado dela e, junto a um comerciante de milho, quantias pequenas de aveia a serem fornecidas periodicamente. Ofereciam três refeições de um mingau ralo por dia, com uma cebola duas vezes por semana e metade de um pãozinho aos domingos. Instituíram muitas outras regulações sábias e compassivas para as mulheres, que não é necessário mencionar; procederam gentilmente com o divórcio dos casais pobres, em consequência dos enormes custos do processo no Doctor's Commons; e, em vez de obrigar um homem a sustentar sua família, como haviam feito até então, tiravam dele sua família e o tornavam um celibatário! Não há como mensurar quantos candidatos para tal alívio, com relação aos dois últimos pontos, teriam se manifestado em todas as classes da sociedade, caso o fato não estivesse vinculado ao albergue; mas os membros da diretoria eram homens precavidos, e haviam se preparado para essa dificuldade. O benefício era inseparável do albergue e do mingau, e isso assustava as pessoas.

Durante os seis meses após a transferência de Oliver Twist, o sistema estava a todo vapor. No início custou muito, em consequência do aumento dos pagamentos ao agente funerário e da necessidade de ajustar as roupas de todos os pobres, que bailavam soltas em suas silhuetas emagrecidas e encolhidas depois de uma ou duas semanas à base de mingau. Mas o número de habitantes do albergue também encolheu, e a diretoria estava em êxtase.

O local em que os garotos comiam era um grande hall de pedra, com uma caldeira em um dos cantos, da qual o diretor do albergue, vestindo um avental para a função e auxiliado por uma ou duas mulheres, servia o mingau com concha no horário das refeições. Dessa festiva composição, cada garoto tinha direito a uma tigela, e nada mais — exceto nas ocasiões de grande festividade pública, quando recebiam 60 gramas de pão de brinde.

Nunca era necessário lavar as tigelas. Os meninos as poliam com as colheres até brilharem novamente. E quando realizavam essa operação (que nunca demorava muito, visto que as colheres eram praticamente do tamanho das tigelas),